

SERGUILHA, Luís. **PROCESSIONÁRIAS**. São Paulo: Demônio Negro, 2008.

## **AS PROCESSIONÁRIAS DE SERGUILHA E A POESIA COMO DEMANDA E REVOLUÇÃO**

As **Processionárias**, o mais recente livro de poemas de Luís Serguilha e o primeiro em edição brasileira pelo selo Demônio Negro de São Paulo, retoma a perene demanda de poesia, ou seja, de um estado poético epifânico e transfigurador, que caracteriza de forma fundante, a meu ver, todos os trabalhos deste jovem poeta português, desde suas obras iniciais até esta última, de 2008.

Autor de poemas em trânsito e em transe, Serguilha oferece-nos textos que não falam nem expressam estados poéticos, mas que evocam, prometem e encenam, no branco da página, os movimentos coleantes de uma linguagem bailarina, destinada a encarnar, na sua escritura sonora, rítmica, imagética e gráfico-labiríntica, a busca teimosa de um sentido inconsútil. Mas é um sentido ainda borboleteante, nascido da multiplicidade de imagens em procissão, ao longo das linhas/versos horizontais e também circulares de seus poemas, e do entrecruzar espiralado de palavras em caixa alta e baixa, em negrito ou não, que faz das **PROCESSIONÁRIAS** uma espécie de espaço de ressonância, cujos ecos sonoro-rítmico-semânticos se remetem encantatoriamente uns aos outros, no esforço sempre adiado de dizer o indizível.

Traçados de uma demanda teimosa e sabidamente impossível, os poemas de **PROCESSIONÁRIAS** lembram, já no próprio título do livro, o movimento contínuo e sinuoso de lagartas verbais, uma vez que o termo *processionárias* diz respeito a pequenas lagartas pilosas que nidificam nos ramos dos pinheiros e dos cedros, e que, quando adultas, descem dos troncos de seus hospedeiros, presas umas às outras e formando longos cordões a serpentear pelo chão, pelas paredes das casas ou pelos diferentes obstáculos que encontram pela frente, sempre à procura do alimento que lhes garanta a sobrevivência, até que parturejem as borboletas de que estão grávidas. Aliás, é a isto que se refere Serguilha, nos três últimos versos (?), dois deles em negrito e entre parênteses, e o terceiro em caixa alta, do poema final deste seu livro:

(\_\_\_\_\_ **O antídoto da processionária**

**é a processionária emprenhada\_\_\_\_\_)**

THAUMATOPHOEA PITYOCAMPA

Ao desenhar, na última página dessa sua obra, o surgimento luminoso da borboleta (cientificamente, *thaumatophea pityocampa*) do ventre rasgado da lagarta-mãe, parenteticamente encapsulada no poema e morta ao dar à luz seu rebento-antídoto, Serguilha nos permite ver e ouvir, inscrito no corpo da escritura e no silêncio críptico dos termos latinos, o desabrochar, ao mesmo tempo epifânico e utópico, da palavra nova e primeira, que não representa, mas encarna o ser.

Após longas procissões lagarteantes, que avançam pelas páginas do livro e onde fulguram intermitentemente imagens profusas e sibilinas, a poesia abre suas asas e sobrevoa o corpo morto da escritura. Esta não é mais que os veios negros traçados pelo arado do poeta no campo branco do papel, com o objetivo de fecundá-lo e empenhá-lo. Segundo Serguilha, o que chamamos de poemas não são mais que procissões em versos longos ou curtos, ou mesmo em prosa (não nos esqueçamos da poesia em prosa, que também existe e que estas **PROCESSIONÁRIAS** evocam no seu desenrolar infinito, para além dos limites sintático-semânticos das frases e dos períodos, e para além das bordas limitadas das páginas), versos que apontam suas quilhas para um porto sempre desconhecido.

Note-se que, na maioria dos títulos de seus livros, Serguilha parece insistir no movimento errático de sua escritura, atribuindo-lhe nomes que sugerem metaforicamente, de modo direto ou indireto, essa busca sem tino, mas apaixonada e louco-lúcida, que caracteriza desde sempre sua prática poética: o traçado das viagens (**O périplo do cacho** - 1998); as linhas das tatuagens (**O externo tatuado da visão** - 2002); as melodias soltas e aéreas dos pássaros (**O murmúrio livre do pássaro** - 2003); os sulcos aquáticos dos barcos (**Embarcações** - 2004); os desenhos inscritos pelos arados (**A singradura do capinador** - 2005); o rodopio volátil dos ventos (**Hangares do vendaval** - 2007); e as filas intermináveis das procissões (**Processionárias** - 2008).

Seu livro mais recente é, pois, mais um experimento do poeta-designer que é, e que teimosamente persiste em produzir poemas destinados a traçar, no palco da página, os requebros cambiantes de uma poesia cantante e bailadeira, empenhada em atingir uma espécie de êxtase epifânico e revelador, que lhe permita ao menos, platonicamente falando, vislumbrar e ouvir os movimentos e os sons da alada borboleta ideal, única realidade capaz de libertar autor e leitor da impotência das palavras, da paralisia das convenções e das certezas instituídas, da masmorra sufocante dos dogmas e das ideologias.

Poesia em procissão e em processo, As **PROCESSIONÁRIAS** de Serguilha são o índice e a cifra da demanda experimental de certas práticas poéticas de ontem e de hoje, comprometidas, pela via da revolução da linguagem, com violentar os espaços culturais repressores e amordaçantes, a fim de promover o advento de um homem novo e de uma nova sociedade.

Poesia de resistência, poesia ousada e transgressiva, poesia poética e política, a poesia de Serguilha não hesita, ao exibir sua trama verbi-voco-visual, em proclamar teimosamente sua demanda de libertação e liberdade pelos descaminhos desviantes e enviesados da escritura.

Fernando Segolin

Professor Doutor

Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária

PUCSP

**Nota editorial:** Esta resenha foi publicada originalmente na edição nº. 5 da *Revista FronteiraZ*.